



Boletim número 4
Outubro 2005

Homenagem a FLORINDA SANTOS 1907-2005

Por Nelly Santos Leite

Nascida em Lisboa, Florinda Santos fez os seus estudos musicais no Conservatório desta cidade, sob a orientação dos Professores Marcos Garin (Piano), Tomás Borba (Composição) e Luís de Freitas Branco (Estética Musical).

Galardoada aos 20 anos com o Primeiro Prémio de Piano do Conservatório e o Prémio Beethoven de Lisboa, foi nomeada aos 22 anos, após prestação de provas públicas, professora de Piano do mesmo Conservatório, tendo sido posteriormente ocasião de se aperfeiçoar com Alfred Cortot e Emil von Sauer, sucessivamente em Paris e em Viena.

Casada com o diplomata João de Lucena, grande parte da carreira artística de Florinda Santos veio a desenrolar-se fora do seu País de origem. São inúmeros os seus recitais, bem como as suas colaborações com solistas, com orquestras nacionais e estrangeiras (sob a direcção dos maestros Pedro de Freitas Branco, Frederico de Freitas, Eduardo Toldrá, Henrique Casals, Lamotte de Grignon, Anovazzi, Hans von Benda, etc.), tanto na Europa como em outros Continentes.

Das suas múltiplas actividades, destacam-se o curso de interpretação, com a execução da série completa das sonatas de Beethoven, efectuado em Pontevedra (Espanha), e posteriormente apresentado no Conservatório Nacional de Lisboa, no 150º aniversário da morte do compositor bem como as emissões integrais, na Emissora Nacional, da *Ibéria* de Albéniz e das Sonatas de Schubert. Inclui-se nas suas diversas gravações em CD, música de

Frederico de Freitas e R. Schumann, sonatas de L. V. Beethoven e Mazurkas de F. Chopin. Ainda por editar, as Suites Francesas e Invenções a 2 Vozes de J. S. Bach.

Foi membro do Júri do Concurso Internacional de Música do Porto, em 1985, prosseguindo as suas actividades de professora e concertista.

A Academia de Música de S. João da Madeira instituiu em sua honra o Concurso de Piano Florinda Santos, de que foi nomeada membro honorário, que se realiza desde 1994.

Florinda Santos - As pessoas que permanecem

Há pessoas que permanecem, outras que se esfumam, outras ainda que se apagam. Constantes metamorfoses que nos afectam através das pessoas, dos seres, das coisas que vão ficando em nós, enriquecendo as nossas personalidades, a nossa visão do mundo e da natureza.

Impossível falar de Florinda Santos de uma forma linear, simplesmente biográfica. A vivência, tantas vezes partilhada em duo, criou um laço afectivo demasiado forte.

As nossas conversas eram como o puxar do fio de um novelo que nunca partia. Ambas íamos construindo mantas de cores diversas e sempre diferentes. A nossa partilha começou mesmo aí, num diálogo que abrangia tudo e em tudo estava a Música.

Seguiu-se a febre das leituras a quatro mãos. Álbuns com as sinfonias de Mozart, de Beethoven, de Brahms, de Schumann, quartetos, eram devorados horas a fio, dias a fio, escoando rapidamente o nosso tempo disponível em simultâneo.

Depois, vieram os originais de Mozart, Schumann, Schubert, Brahms a quatro mãos e o gozo da partilha da música estendeu-se ao prazer da comunicação com o público. Ler, interpretar, viver em duo com uma personalidade tão

Conteúdos:

O nosso Boletim é
integralmente dedicado ao
texto, veemente e
emocionado, de Nelly Santos

“As pessoas que
permanecem”, sobre a
eminente pianista Florinda
Santos.

Informações

harper@ca.ua.pt

[Congresso EPTA-Portugal](#), 18
de Março de 2006, Academia

de Música de Paços de
Brandão

[Congresso Internacional da
EPTA](#), 26-30 de Julho 2006,

Funchal (Ilha da Madeira)

completa, tão fantástica, sublimou o meu enorme respeito pela música de câmara.

E retomo o termo "metamorfose", que eu sinto poder aplicar ao percurso técnico de Florinda Santos. A busca de novas formas técnicas ao serviço do resultado musical foi uma constante ao longo da sua vida. Repudiava a técnica como objectivo, mas sabia bem quanto trabalho, meditação e reflexão eram necessários para que um determinado som soasse como queria.

Estudava, por norma, cinco horas diárias, sempre em andamento lento, com um cuidado e um amor impressionantes, o todo dependendo de cada afloração ou percussão da tecla, sem nunca perder o sentido musical da obra completa.

O seu dia era preenchido com momentos de reflexão sobre a vida, onde sempre estavam as obras musicais em trabalho e



outras; a ouvir música na rádio, ultimamente CDs e gravações; em convívio, organizando tertúlias com amigos que a visitavam.

Descobria muitas coisas novas a escutar e a pensar. Depois, experimentava no teclado e comunicava-me os melhores resultados.

Na idade dos noventa, continuava a investigar, a aperfeiçoar, a trabalhar as cinco horas por dia. Gravava cassetes, nas condições tecnológicas possíveis, com as suas interpretações para melhor poder fazer a sua autocrítica e que oferecia a alguns amigos. São, talvez, as que mais admiro.

Mas foi ainda perto da idade dos noventa que nos surpreendeu com o que considero uma jóia musical, o seu primeiro CD comercializado, com música de Frederico de Freitas e Robert Schumann. Como não podia deixar de ser, personalizou o "Livro de Maria Frederica" e o "Álbum para a Juventude", escolhendo uma sequência especial para as pequeninas peças de ambos.

Que maravilha, obras para gente pequena interpretadas por gente grande, de forma nunca ouvida! A interpretação profunda das coisas aparentemente simples é de uma beleza incrível. Há tanto pianista e tão bons que o que mais desejamos e esperamos é a boa surpresa. E a surpresa está ali, naquele tempo de música, dentro de um CD com uma capa linda que, sem se saber porquê, é uma espécie de borboleta/jóia, voltando a lembrar a metamorfose.

Seguiram-se interpretações de Mazurkas de Chopin, de Sonatas de Beethoven em CDs comercializados e, em gravações particulares, no Museu da Gulbenkian, Invenções e Suites de J. S. Bach. Apesar de me confessar não considerar perfeita esta sua última gravação, é uma bênção poder escutá-la. Tinha, então, noventa e um anos. Ser assistente às suas gravações, em estúdio, foi uma experiência incrível! Tive esse privilégio sempre que gravou em Paços de Brandão, na Numérica. Curiosamente, eu seguia a partitura, enquanto a pianista fluía com a música, e todos os detalhes estavam presentes e no seu devido lugar.

Via já muito pouco ou, melhor dizendo, quase nada. E todas as notas, ligaduras, staccatos, dinâmica, agógica, suspensões, ritenutos, repetições, se iam apresentando no desenrolar da obra. Evidentemente, que estudava e tocava de memória. O cérebro funcionava como um computador com um disco duro de qualidade, onde tudo estava guardado e não mais se apagava. Inimaginável. Tudo funcionava como um recital ao vivo. A música saía, naturalmente de dentro de si, espalhava-se pelo estúdio e, no final, antes de se ouvir, geralmente gostava de tomar um chá ou café com um bolo ou uma torrada. Então, sentava-se e pedia

ao técnico para ouvir o trabalho que ia comentando, autocriticando, sem deixar de o inquirir sobre a sua opinião.

Lembro-me que, na op.90, dissertou sobre os vários estados de espírito que atravessam a obra de Beethoven e, no final do segundo andamento, tinha-se concretizado uma audição comentada. Nada foi repetido ou corrigido. Sempre achou que qualquer gravação tinha que ser pura. E, espantosamente, saía sempre tudo límpido. Gravava em uma ou duas tardes (partes de tardes, porque havia muita conversa e dissertação sobre as obras em questão com o técnico, comigo e, certamente, consigo própria.)

Nunca se sentava ao piano para gravar sem tocar um pouco para si própria, concentradíssima, e, em determinado momento, anunciava que estava pronta. Entenda-se aqui, estava pronta para o recital. Só parava no final da obra ou de um grupo de peças, caso estivessem agrupadas (sempre na lógica do seu pensamento e do seu gosto musical.) Penso que gostaria muito de ter tido tempo de gravar os Intermezzos de Brahms. Mas, gravou--os, sim, na memória de quem os ouviu no seu teclado.

Alejandro Oliva, numa apresentação do CD Frederico de Freitas/Robert Schumann, no jornal "A Capital", lançou uma ideia que hoje relembro e se refere à elaboração de um disco histórico, em colaboração com os Arquivos da Rádio Difusão Portuguesa, com a *Ibéria* de Albeniz e as Sonatas de Schubert, interpretadas por Florinda Santos, em gravação para a ex-Emissora Nacional. Apesar do tesouro que esta proposta representa, não falámos nunca sobre este assunto e a ideia tão pertinente de Oliva parece ter-se evaporado. O lançamento/estreia deste seu primeiro CD foi realizado na Academia de Música de S. João da Madeira, a quem dedicou um grande carinho e especial atenção. O Concurso de Piano Florinda Santos que, em 2006, atinge a sua oitava edição, é promovido por esta Academia em homenagem à sua grande personalidade artística e em agradecimento pela sua dedicação.

Três grandes amores: o piano, o desenho, o teatro. O piano foi o centro da sua vida. O desenho foi uma opção que chegou a estar em primeiro lugar. "Poderia ter sido atriz se não tivesse sido pianista" (afirmação da própria Florinda Santos).

Com o ar mais simples deste mundo, contava que o seu primeiro prémio tinha sido uma chávena verde com uma chave dourada. Ganhou-a na inauguração do Café "Chave de Ouro" quando, aos sete anos de idade, na companhia do pai, tocara no piano que lá existia. Comentava que, já nessa altura, tinha "habilidade" para o teclado. Considerava, apenas, habilidade o que era, realmente, o botão artístico a florescer ao longo da sua vida.

No Natal de 2003, a prenda que me chegou pelo correio, foi um desenho seu. Quando abri, exclamei logo, "Chopin"! Telefonei-lhe, de imediato, a agradecer o desenho que me surpreendeu e recebi, em troca, uma risada de contentamento por eu ter reconhecido o compositor, sem ler a legenda que estava por detrás da moldura.

A sua faceta humorística era um traço forte de personalidade. Adorava contar anedotas, mais do que ouvir. Por vezes, contava-as a fio. E muita graça deve ter achado à caricatura do Botelho, com legenda, de que me enviou cópia no Natal 2004. Foi a última prenda de Natal que recebi de Florinda Santos, a sua caricatura, sentada ao piano, a tocar Falla!

Grande paixão pela música espanhola, em especial, Falla, Albéniz e Granados, para além dos oito compositores que sempre a acompanharam: Bach, Mozart, Beethoven, Schubert, Schumann, Chopin, Brahms, Debussy.

Outras prendas, que guardo religiosamente no meu baú de tesouros, são os livrinhos manuscritos que me foi oferecendo, alguns deles com a capa feita em malha por suas próprias mãos. Um trabalho manual cheio de carinho e arte. O conteúdo dos vários livrinhos é variável: algumas transcrições de cartas de Mozart, cartas de Chopin,

apontamentos sobre J. S. Bach, sobre Beethoven, sobre Schumann, sobre Brahms, análise de obras, aforismos, curiosidades, apontamentos da sua autoria. Faz interessantes considerações sobre a qualidade do público, as diferentes espécies de público, esse público sem o qual o artista músico perde quase o sentido. Insere-o num capítulo a que chama "curiosidades". Ao prazer de tocar para si própria juntava-se a necessidade de partilhar a música com mais alguém, uma pessoa, um grupo, um público. Recordo que, em S. João da Madeira, no rés do chão da casa da Mourisca, que habitou durante uns anos, reuniu, várias vezes, grupos de jovens, onde eu estive também, para convívios musicais, tocando, conversando, trocando ideias e pondo os neurónios de toda a gente a funcionar. Que belos momentos, que excelentes exercícios, que valiosas lições sobre música, sobre arte, sobre a vida! Tudo isto me faz pensar como é bom ter a capacidade e o gosto de oferecer espaços de vida, de partilha musical, de vivência artística aos amigos e aos amigos dos amigos, indiscriminadamente e sem relógios.

E, lembrando as casas que habitou, não posso esquecer o "Buraco", nome que dava ao rés-do-chão que lhe servia de tecto em Santa Maria da Feira. Espaço pequenino, mas suficiente, que emanava arte e recolhimento. Como um santuário. O seu piano de cauda era o centro e havia sempre uma luz bonita a entrar pelas vidraças. Os seus arranjos de flores, os seus trabalhos manuais, como a mesa ou a cadeira pintadas pelas suas próprias mãos, o candeeiro ou o *abatjour* com colagens, folhas ou rostos de músicos, tudo tinha o seu toque especial. Revolucionou o ambiente artístico de Santa Maria da Feira, organizando concertos lindíssimos, em locais nunca antes experimentados. Sem dúvida que deu um grande impulso no desenvolvimento musical e cultural que hoje é marca de Santa Maria da Feira.

Outra morada, e esta foi a que habitou finalmente, o rés-do-chão da Rua do Cabo, em Lisboa. Espaço que se enchia de uma luz especial e onde se respirava uma sensação de paz e conforto. Tudo

era bonito ali dentro, a disposição do piano, os livros, os quadros, os objectos, o canapé, o cadeirão, onde a encontrei sentada, muito linda e serena, o cabelo apanhado em puxo com uma fitinha de veludo, uma pele fresca, a boa memória e o humor de sempre. Tomámos chá e comemos arroz doce. Nessa tarde, não houve piano, mas ele enchia a sala e os sons do Chopin andavam pelo ar. Não voltámos a ver-nos. É a última imagem que guardo.

Florinda Santos permanece no tempo e através dos tempos.

Para melhor conhecer a Florinda Santos

"Aprender a ouvir a linguagem de Debussy"

(Texto de concerto comentado sobre Claude Debussy- por Florinda Santos - na Academia de Música de S. João da Madeira)

Do Pré-Romantismo ao Impressionismo

O salto verificado entre o período que se segue ao Barroco, com Haydn e Mozart, e o princípio do Romantismo, é encarnado por Beethoven.

Os testemunhos vivos dos que ouviram improvisar aquele homem de aspecto severo e, ao mesmo tempo, ardente, estremecem de espanto e de emoção perante a audácia de uma música que rompia as barreiras do tradicional.

Fenómeno parecido viria a acontecer. O mesmo salto se havia de verificar entre o Romantismo e o Impressionismo.

O movimento teve origem entre os poetas e os pintores, mas é sobretudo na pintura que mais facilmente se explica a eclosão de um temperamento altamente propenso à poesia das coisas e riquíssima imaginação.

Por exemplo, a pintura impressionista considerava que a luz solar irradiando partículas de cor era a base em que assentava o seu movimento.

Da mesma forma, os sons multiplicam-se noutros sons, geram sons harmónicos, fundem-se numa só família de incontáveis vibrações.

Debussy percebeu que a sua natureza se conformava com este universo de imensas surpresas. Além disso, reagindo, como todos os seus contemporâneos, contra o

Romantismo, não pretendia concretizar em belas formas ou em belas melodias o que se passava dentro de si. Achou mais interessante vir para o exterior, mas de uma forma pessoal, tal como fazem os seus colegas pintores, criando situações mais sonhadas do que reais. Daí, a palavra "impressionista".



Como já foi dito, ele não está interessado no concreto. Ao contrário, ele prefere sugerir, envolver a sua música em mistério, mergulhar na poesia das coisas, falando com as coisas, e fazer com que as situações que nos rodeiam tenham um sentido escondido e nos convidem à descoberta do seu segredo. E, por isso, as melodias de Debussy ou são extremamente curtas, ou por terminar, ou mesmo interrompidas por um desenho. Também não se fixa numa determinada tonalidade e diverte-se a mascarar a forma sob a aparência da improvisação.

Debussy brinca com as imagens do seu fantástico mundo. São os "Nevoeiros", "As fadas que dançam", os "Perfumes e os sons no ar da noite", as "Folhas mortas", "A catedral submersa", "As bailadoras de Delfos", etc.

Também Monet, nos seus estudos de luz, se aproxima do mesmo ideal. Por exemplo, a Catedral de Amiens que ele pintou várias vezes, a várias horas do dia, aparece como coberta de um véu; o que importa é a luz e as suas vibrações. E também os seus estudos da água fixam-se num tema onde as plantas aquáticas partilham das mesmas irradiações que se vêem na água (Nenúfares).

De lembrar ainda que um forte contributo para o desenvolvimento do Impressionismo foi a Exposição de Arte Oriental (Paris, 1910).

Para além desta influência em Debussy, não esqueçamos a sua paixão pela mentalidade pagã da civilização grega. Ao acaso, lembramos alguns títulos: "L'après-midi d'un faune", "Canope", "Danseuses de Delphes", "Ondine", "Les colines d'Anacapri", "Chansons de Bilitis", "Lísle joyeuse", "Six épigraphes antiques".

A arte chinesa, assim como os instrumentos chineses e japoneses, inspiram-lhe "Poissons d'or", "Pagodes", "Khamma" (ballet).

Outro texto de Florinda Santos

Em Tomar, falando sobre "O Público"

(Transcrição de um livrinho de apontamentos - capítulo "Curiosidades")

Público de várias qualidades

- *O que vai ao concerto por hábito: para encontrar amigos no intervalo, para estar bem instalado durante uns largos minutos, rodeado de silêncio, mergulhado em semi-obscuridade agradável (é público que nem faz bem nem mal. No fundo, positivo. Paga o seu bilhete e ajuda a encher a sala).*
- *O que vai por curiosidade de ouvir o que não conhece. (O esforço que faz para reter melodias ou ritmos não familiares é muito positivo; se essa curiosidade se transformar em exigência emotiva, é óptimo).*
- *O que se diz conhecedor e vai para comparar o que já ouviu dos outros. (este não goza nem ouve a música, em consciência - mau público).*
- *O que avalia a qualidade do intérprete, antes do concerto, pela qualidade do programa (excelente).*
- *O que bate palmas por ser um gesto contagioso ou porque faz barulho e este barulho, depois do silêncio forçado, é quase de uma necessidade. E também pode ser por estar contente (óptimo).*
- *O que está sobretudo interessado nos extras. É o amador de surpresas e que infelizmente existe (péssimo).*
- *O profissional deformado. Só ouve e vê aquilo que, por desventura, não foi bem interpretado (péssimo).*
- *O profissional humilde, que sabe que a perfeição não existe, que admira tudo o que honestamente é feito e se entusiasma com o verdadeiro talento (excelente).*
- *O estudante que vai para aprender e que procura entender, da troca de impressões com outros mais instruídos, o que lhe parece pouco claro (muito positivo).*
- *Enfim, a massa do público que ouve dizer que a música é uma coisa mágica com poderes sobrenaturais. (Este, quer experimentar essa maravilha. Se fica desiludido, não volta mais).*